REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 741

30 DE JULHO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A's onze horas da manhã de terça feira, 25 do corrente, como o sr. presidente da camara dos srs. deputados visse presentes apenas cinco representantes do paiz, declarou que não podia haver sessão e leu o officio participando que o encerramento das côrtes se realisaria ás duas horas da tarde d'esse mesmo dia.

Estão pois fechadas as camaras, depois da approvação, n'estes ultimos dias, d'um sem-numero de projectos grandes e pequenos, que foi uma verdadeira tarefa.

Para o anno, com côrtes frescas, novo remendo na carta.

Tudo em muito boa paz.

Estamos realmente dando um lindo exemplo ao mundo. Não ha coisa alguma que nos commova.

Tambem a Hespanha parecia cahida no maior dos indifferentismos e, como isso succedera exactamente quando os nossos visinhos recebiam as mais tetricas noticias sobre os resultados da guerra, como um bello sorriso pairava nos labios de todos, havia quem classificasse de máo symptoma tanta paz d'alma.

Pois nem um grito de revolta!

Houve-o agora, por muito mal escolhido que fosse o momento. Os catalães aproveitaram a estada da esquadra franceza em Barcelona para, emquanto a orchestra do theatro tocava a Marselheza, darem vivas á republica, á Catalunha livre, á Catalunha franceza.

Mas a França nada tem feito para animar o espirito separatista dos catalães e affirma pela voz de seus primeiros jornaes que nada consiguirão os intrigantes, que assim pretendem malquistar as duas nações.

Os animos andam exaltados um pouco por toda a parte, muito na Belgica, ainda muito em França, não sendo facil prever-se o que succederá, seja qual fôr a final solução de todo esse drama horrivel que tem tido Dreyfus como protagonista.

Nós vamos muito pacatamente tratar de reformar a carta, depois de ter dado mais uns votos ao sr. José Luciano de Castro, que declarou estar muitissimo satisfeito com a sua gente da maioria Até quasi lhes prometteu uma nova cadeirinha certa para a outra vez.

Cá vamos nosso caminho, muito socegadinhos e cada qual tem dentro de si um bocadinho d'essa paz, que n'este tempo de calores caniculares a noite espalha sobre a cidade.

O movimento é quasi nullo agora. Os homens caminham Avenida acima abanando-se pachorrentamente com os chapéos de palha. As senhoras, sentadas nos bancos, movem pacientemente os leques. Nem a lanterna d'uma carruagem n'aquelle alinhamento enorme! Apenas, n'um ou n'outro café, meia duzia de freguezes tomam refrescos por palhinhas. Nas redacções dos jornaes operam-se prodigios de fantasia para uma noticia de sensação, para um artigo de fundo mais ardente, equilibrando a temperatura cá de fóra.

Noites houve em que nem o decantado Tejo nos deu uma viração.

Em compensação o cruzador *D. Carlos*, ha pouco chegado de Inglaterra, divertiu parte da população projectando sobre os pontos culminantes da cidade e da Outra Banda a luz electrica dos seus holophotes.

O novo cruzador, construido em New-Castle pela casa Amstrong é dotado dos mais modernos aperfeiçoamentos pelo que diz respeito á sua velocidade e armamento. Possue doze peças de grande calibre e systema Amstrong, muitas de calibre menor, quatro metralhadoras e cinco tubos lança-torpedos.

Quando a luz electrica se apagou, Lisboa recahiu na somnolencia... e na escuridão.

Apenas n'um ou n'outro ponto um bico Auer chamava a attenção, umas notas de musica faziam voltar uma cabeça que um lenço branco ia limpando, umas cantigas de hespanholas arrancavam d'uma bocca bocejante um esbodegado *Olé! Salero!*

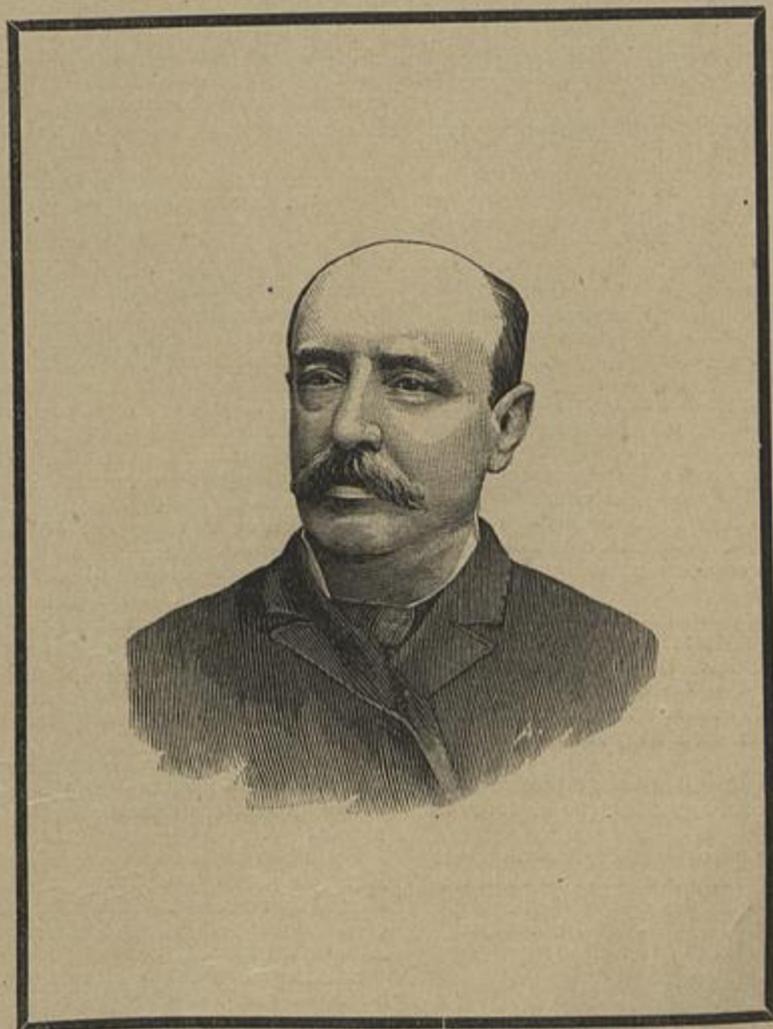
No céo, onde nuvens pesadas pairavam promettendo uma trovoada refrigerante, preguiçosa em desabar, destaca-se muito alta, acima dos casarões da guarda municipal, a torresinha do Carmo. Ao lado as ruinas ainda bellas do convento fundado por Nun' Alvares.

E é de junto d'essas pedras velhas, reliquias santas de gloriosos tempos, que surdem umas canções de café cantante. Só faltava aquillo. E ha quem se admire que ainda o gazometro continue junto da Torre de Belem!

Torre de Belem! Egreja do Carmo! Velharias!... O que nós queremos é progresso! Viva a paz e — *Olé! Salero!*

O habitante de Lisboa tambem é gente e por isso tem direito a um bocadinho de civilisação.

O pobresinho, que não tem meia duzia de mil réis para ir procurar distracções n'essas praias e thermas, quer ter o direito de beber uns copos de granito ouvindo cantigas hespanholas e de dar cabo do resto do ordenado n'uma espelunca de bilharistas. E' o que o verão lhe offerece.

Os comboios bem apitam um dia inteiro por essas linhas todas, á beira-mar até Cascaes, atravez a charneca até ás sombras frescas de Cintra, por entre vinhas que o sol já doira até ás Caldas,

VISCONDE DE MELICIO — FALLECIDO NO DIA 23 DO CORRENTE

por essas planicies do Ribatejo, do Mondego, do Vouga até ás praias do norte Um apito que é uma tentação, que é para muitos uma ironia. E muitos teem, ao ouvil-o, a cara sorridente, e triste ao mesmo tempo, d'um pequenino pobre e guloso á porta d'um confeiteiro.

Lisboa está pobre quanto a divertimentos e quasi todos os theatros estão fechados.

Apenas o da Trindade abre as portas todas as noites, não lhe faltando concorrencia. O *Ali á preta* vai quasi em duzentas recitas. Angela Pinto, Carmen, Thereza Mattos, Rentini, continuam applaudidissimas. Santinhos e Taveira inventam cada dia uma historia nova. Augusto, Queiroz, Rosa Paes vieram trazer um sangue novo á velha peça de Guedes de Oliveira. E o Cyriaco, contente, cada dia com mais vigor vai empunhando a batuta.

O verão, salvo uma toirada ou outra, pouco dá que falar no capitulo espectaculos.

Entretanto houve, ha poucos dias em França, um de muita sensação, a que assistiram milhares de pessoas e que levantou na imprensa uma discussão acalorada.

Foi no circo de Roubaix que se realisou o muito falado combate d'um toiro com um leão, ficando aquelle vencedor.

Como se disse que um toireiro fizera uma aposta com um domador de feras para um novo combate, logo appareceram na imprensa os moralistas, e com basta razão, atacando esse novo genero de divertimento.

A compassiva sociedade protectora dos animaes não tem voz no assumpto, porque não se trata de animaes domesticos. Tem que calar-se com o seu dó.

O facto é que n'um espectaculo d'esses não ha senão brutalidade. A discripção do combate realisado em Roubaix horrorisa ou mette nojo. Admittil-o, tal qual os combates de gallos, como pretexto para apostas, seria contar muito pouco com a fantasia dos jogadores, homens ferteis em expedientes. Não precisam de tanto aparato.

Ao jogo com brutalidades ainda preferimos a caridade pelo jogo, sobretudo se o jogo é pretexto para caridade e não a caridade pretexto para jogo.

Hay que distinguir!

Houve quem se lembrasse de procurar obter uma lei permittindo os jogos de azar, sendo uma parte dos lucros obtidos pela concessão em favor da assistencia nacional aos tuberculosos.

As intenções da rainha, sr.ª D. Amelia, foram tão santas, que não podem dar sombra em que viceje e medre, como parasita, a idéa da exploração d'um vicio.

Além d'isso, para quê? A subscripção sobe já acima de setenta contos de réis e promette ser milagrosa.

Em todos encontrou o mais lisougeiro acolhimento e assim devia de ser. O nome sympathico a todos da sr.ª D. Amelia abriu os corações, e elles hão de encarregar-se de dar exemplo aos cofres dos ricos, á bolsa dos remedeados, ao pé de meia do pobre mais economico.

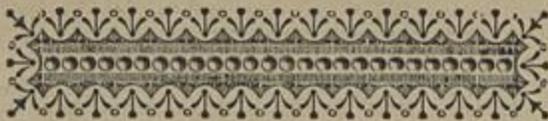
Um dos maiores beneficios que devemos á imprensa é por sem duvida a unanimidade de boas intenções que mostra, desde que alguem appelle com justiça para os sentimentos caritativos da nação. Honra seja á imprensa portugueza; eil a constante na brecha, soprando o fogo que é deveras sagrado, a primeira sempre a subscrever, pondo sempre suas columnas, em artigos, em publicações, em annuncios, á disposição de qualquer, logo que d'ahi resulte o beneficio de muitos.

E é esse um dos motivos por que, mão grado offensas em azedas discussões, doestos de inimigos politicos, calumnias ás vezes, o jornalista portuguez conta geralmente com amigos certos e com numerosas sympathias.

Ha bem poucos dias ainda, tivemos uma prova do que affirmamos nas demonstrações de pezar a que deu logar a morte d'um dos mais antigos jornalistas portuguezes, o Visconde de Melicio, redactor que foi do *Commercio de Portugal*, jornal cuja publicação terminou ha pouco mais d'um anno.

Foi sua morte muito sentida e muito concorrido seu funeral, com representação de todas as classes.

Toda a imprensa portugueza deplorou a morte d'aquelle que foi um leal companheiro e um trabalhador incansavel.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O VISCONDE DE MELICIO

João Chrysostomo de Melicio, que, por serviços que prestou á nação como commissario regio na exposição universal de Paris em 1889, recebeu de El-rei D. Luiz o titulo de visconde, era natural do Rio de Janeiro, onde nascêra, de paes portuguezes, a 27 de janeiro de 1837.

Criança ainda, veio para o reino e formou-se na Universidade de Coimbra, onde foi dos bons estudantes do seu tempo.

Cedo entrou na vida jornalistica, para que o chamava decidida vocação e desde 1864 começou collaborando no *Commercio do Porto*, jornal de que foi correspondente effectivo por muitos annos.

Foi muito da estima do duque de Loulé e era um fiel progressista.

Tendo adquirido a propriedade do *Commercio de Portugal*, periodico que terminou sua publicação ha pouco mais d'um anno, substituiu na direcção do jornal o nosso collega Sebastião de Magalhães Lima.

Jornalista d'alma, vida e coração, foi um dos fundadores em 1880 da Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes.

Foi par do reino electivo e em muitas legislaturas deputado.

Foi redactor da camara dos deputados e commissario regio junto da Companhia dos Tabacos.

Adoecêra ha muito. A morte foi o termo d'um martyrio cruel.

Falleceu no dia 23 do corrente.

Muito estimado por todos seus collegas, correligionarios e quantos o conheciam, o enterro do venerando jornalista foi uma eloquente manifestação de pezar.

MONT'ESTORIL

Publicamos hoje mais tres vistas do Mont'Estoril representando ellas o chalet da sr.ª marqueza de Pomares, chalet do sr. conselheiro Marianno de Carvalho, e a grande avenida de Saboia.

A pag. 134 e 142 do presente volume publicámos noticia descriptiva do Mont'Estoril, em que o leitor poderá encontrar referencias ás gravuras que publicamos n'este numero.

50.° ANNIVERSARIO DA MORTE DO REI CARLOS ALBERTO

Passou no dia 28 do corrente o 50.° anniversario da morte do rei Carlos Alberto da Sardenha, o valente defensor da unidade da Italia, e que, menos feliz que seu filho o rei Victor Manuel, não poude realisar em vida o seu sonho dourado. Vencido em Custoza e odiado pelo povo, que o julgou traidor por elle não ter podido triumphar do velho feld-marechal austriaco conde de Radetzky.

Foi em 1849 que o grande rei soldado veio refugiar-se na cidade do Porto, depois de ter abdicado a corôa do reino da Sardenha em seu filho Victor Manuel.

Vencido, acabrunhado pelos desgostos pouco viveu o exilado rei, na cidade invicta, e para mais lhe perpetuar sua memoria, a piedade e extremo amor fraternal da princeza Augusta de Montlear, mandou edificar a capella, que faz assumpto da nossa gravura, proximo á casa onde falleceu o desventurado rei, no antigo largo da Torre da Marca.

Monumento simples de architectura e modesto de proporções, lançou a primeira pedra, a fundadoura que veio á cidade invicta, para essa ceremonia.

Foi n'esta capella que, por iniciativa do sr. João Eduardo de Brito e Cunha, consul de Italia, no Porto, se realisou no dia 28 do corrente missa com responso sufragando a alma do rei Carlos Alberto no 50.° anniversario do seu fallecimento.

Foi acto imponente e commevedor, sendo celebrante o rev. Francisco Patricio, o qual, ao *lavabo* discursou larga e eloquentemente honrando a memoria do rei Carlos Alberto.

Durante a missa algumas distinctas amadoras de canto fizeram ouvir a sua voz, cantando a sr.ª D. Olinda Rocha Leão a «Ave-Maria» de Gounod, sendo acompanhada a harpa e a violoncello pelos srs Paulo Navone e Casella; a sr.ª D. Laura Leite, a «Preghiera» de Ponchielli, e a sr.ª D. Alice da Rocha Leão Braga, a «Ave-Maria» de Luzzi, acompanhadas a orgão pelo maestro Roncagli.

S. S. M. M. fizeram-se representar n'esta ceremonia pelo sr. general Cibrão e S. M. a Rainha D. Maria Pia, por o sr. conde de Rezende. Assistiram os srs. conde de Sonnaz, ministro da Italia; consules da mesma nação em Lisboa e Porto, governador civil e secretario geral, presidente e vereadores da camara, provedor e mesarios da Misericordia, presidentes da Relação, do Centro Commercial e da Associação dos Jornalistas, bispo de Betsaida, officialidade da corveta *Estefania*, conde de Campo Bello, conselheiro Julio Lourenço Pinto, visconde da Gandara, rev. Sebastião de Vasconcellos com dois internados da Officina de S. José, Candido Emilio Cabral, José Teixeira da Silva Braga, rev. Antonio Rodrigues de Sousa, vigario do Carmo, João Bartol e F. Faro e Oliveira. Compareceram tambem muitas senhoras.

Uma força de infantaria 6, com a respectiva banda de musica, fez a guarda de honra.

ATTENTADO CONTRA O EX-REI MILAN

Domina em toda a Servia o regimen do terror, desde que o bombeiro municipal Kuesvitch, disparou quatro tiros de revolver contra o ex-rei Milan.

Não houve consequencias importantes e immediatas a lamentar. Um raspão no rei, um ferimento na mão do ajudante.

Muitas pessoas estão presas como implicadas no attentato. Parece ter havido conspiração. Alguns membros do partido radical abandonaram a Servia.

O rei Milan gosa de pouquissimas sympathias.

Depois da guerra com a Bulgaria, que tão máos resultados teve para os servios, obrigaram-o a abdicar em seu filho Alexandre. Abandonando Belgrado, o rei sem throno foi por essa Europa fóra criar um triste nome. Tiveram demasiado e pouco invejavel ecco seus escandalos e aventuras.

Ha pouco mais d'um anno, foi-lhe permittido voltar a Belgrado, onde o rei Alexandre o nomeou generalissimo das tropas.

O attentado de ha dias é prova de como foi mal recebida tal nomeação.

O ex-rei Milan tem 45 annos de edade.

E' casado com a virtuosa e formosissima rainha Nathalia de quem, ha muito, se acha separado e que vive em Biarritz onde é frequentemente visitada por seu filho, o rei Alexandre.

BATALHA NAVAL DE ORMUZ

Entre os portuguezes que no Oriente mais se destinguiram pelas arrojadas empresas que commetteram e actos de valor que praticaram, destaca-se Affonso d'Albuquerque, o prestigioso Capitão, o iniciador do imperio luzo-aziatico, o heroe cujo nome tão respeitado e tão temido foi n'aquellas apartadas regiões.

Genio previligiado; intrepido até á temeridade; tentando os mais ousados commettimentos e afrontando os maiores perigos, traça o seu grandioso plano de conquistas, e irrompe terrivel na lucta para occupar os pontos que julga ser necessario submetter ao nosso dominio, para assegurar a preponderancia portugueza no vasto imperio que se propunha estabelecer.

Adem, Ormuz, Gôa e Malaca foram o seu primeiro objectivo Adem, a chave do Mar Roxo, por onde o commercio do Oriente vinha a Europa. Ormuz, a sentinella do Golpho Persico, imperio das ambicionadas riquezas dos paizes orientaes. Gôa a importante cidade da costa do Malabar, que Affonso de Albuquerque cubiçou para base de operações que convinha crear, e centro d'onde devia emanar toda a auctoridade. Malaca, assente no estreito por onde seguia todo o commercio da China, do Japão, de Sião e do Pegú.

Depois subjugar Mecca; dominar no Egypto; enfraquecer o immenso poder do turco, desviando o curso do Nilo, e anniquillar o commercio de Veneza, tal o grandioso plano que o audaz capitão concebeu e teria realisado se a morte não viesse derrubar aquella vigorosa e levantada estatura de heroe quando ainda estava longe de attingir o termo da sua extraordinaria empreza.

Cahiu o colosso, mas quando já tinha dado a Portugal a posse de Ormuz, de Gôa e de Malaca.

Deixando os successos que respeitam as conquistas de Malaca e de Gôa, rememoremos rapidamente a gloriosa conquista de Ormuz pela pequena armada portugueza, conquista effectuada ainda sob o governo do viso-rei D. Francisco de Almeida, a quem Affonso de Albuquerque devia succeder como governador, por provisão de el-rei D. Manoel, quando o glorioso vencedor dos rumes tivesse terminado o tempo do seu governo.

Partio Affonso de Albuquerque pela segunda vez de Lisboa para a India, na armada de Tristão da Cunha, em 6 de Abril de 1506.

Compunha-se a armada de deseseis navios, indo Affonso de Albuquerque por capitão da nau *Cirne*.

Durante a viagem descobriram as ilhas de *Tristão da Cunha*, que ainda hoje conservam o nome do seu descobridor; e depois do reconhecimento da ilha de Madagascar, e do assalto de Socotorá, Tristão da Cunha dirigio-se para a India com o grosso da armada, e Affonso de Albuquerque navegou para o Mar Roxo e Golpho Persico com seis navios apenas, pequena força para empresa tão vasta como a que ia empreeender. Para Ormuz se dirigio, ancioso de dar começo ao seu plano de conquistas. Nos portos por onde teve de fazer escala para recolher mantimentos, castigou severamente os que se oppunham ou contrariavam os seus desejos. Surgindo em Calayate foi recebido com provas de amisade e obediencia, sendo satisfeitas todas as requisições que fez. Depois aportou a Curiate que encontrou preparado para defeza e por lhe negar os mantimentos que precisava, atacou e tomou, incendiando cinco naus de Mecca e onze terradas que estavam no porto. Em seguida entrou em Mascate, e porque os naturaes atacaram em tom de guerra um batel da armada, investiu com a praça que defendia a cidade, tomou-a e lançou fogo á cidade, mandando passar ao fio da espada os seus habitantes.

Foi depois da destruição de Mascate que appareceram as primeiras manifestações de insobordinação a bordo dos seus navios.

Affonso d'Albuquerque que conhecia as intenções dos amotinados e a idéa que os acompanhava, desde a sahida de Lisboa, de irem para a India angariar riquezas, e não passar o tempo em continuadas luctas, com o que nada lucravam, teve de empregar toda a sua energia e rigor para aquietar os insobordinados e não alterar a derrota que seguia, nem adiar a conquista que ia emprehender. Prende João da Nova, capitão da nau *Flor de la mar*, cujo commando tomou, por o considerar cabeça de motim, e atemorisa os revoltosos que, com receio do duro castigo que teriam de soffrer, se aquietaram.

De Mascate seguio o capitão mór para Sohar, cujo governador se fez vassallo e tributario do rei de Portugal, e depois para Orfaçate que tomou e incendiou, surgindo logo depois em frente de Ormuz, objecto da sua cubiça.

Fortificada e com muita artilheria, era a cidade defendida por importante exercito e uma poderosa armada que, segundo os chronistas, se compunha de duzentas a trezentas vellas, entre as quaes sessenta naus de estrangeiros [1].

Foi no meio d'esta frota que Affonso de Albuquerque fundeou os seus seis navios; e sem se intimidar com o avultado numero e a força dos inimigos, presistiu na sua resolução de os derrotar e tomar a opulenta cidade.

Entaboladas relações com o cheik Cogeatar, ia este alimentando esperancas com promessas de obediencia, para encher tempo, até chegarem mais reforços, que esperava da Persia; pois se julgava pouco seguro perante a audacia do famoso capitão, apesar das forças de que despunha. Mas Affonso de Albuquerque desconfiado das intenções do cheik, resolveu não demorar o ataque á armada inimiga, e assim o communicou aos capitães dos seus navios.

Ao alvorecer do dia 26 de Setembro de 1507 estavam na pequena armada portugueza todos a postos para começar o ataque, e ao signal combinado rompeu o fogo contra a frota que enchia o porto. Em pouco tempo a fumarada que envolvia toda a armada de Ormuz e os poucos navios portuguezes; o fuzilar do fogo: o terror dos trons de mistura com o vozear e gritos das guarnições, dava, diz João de Barros [2], uma semelhança do inferno, sem uns e outros se poderem ouvir.

Duas naus inimigas foram, no começo da refrega, mettidas no fundo com o certeiro fogo da nossa artilheria. Os mouros desenvolviam uma resistencia vigorosa; mas as guarnições dos navios portuguezes obravam prodigios de valor. Generalisou-se o combate e todos luctavam com bravura e valentia. Um dos maiores navios inimigos, a nau *Meril* ou *Mery*, de oitocentos toneis, guarnecida de muita artilheria, fazia com o seu fogo grande damno á nau do capitão mór, que lhe estava proxima. Romperam os portuguezes o fogo contra ella, e, conta Gaspar Corrêa, — «uma espera lhe acertou no mastro que lh'o derrubou, que ao cahir matou muito mouro e quebrou ametade da nau, com tanta tormenta que os mouros se deitaram ao mar» [1].

Outras naus foram mettidas no fundo ou tomadas, lançando-se tambem ao mar as suas guarnições para se refugiarem em terra.

Abandonando os navios que tinham tomado, por não terem guarnições que combater, foram os portuguezes nos bateis ao longo da ribeira onde lançaram fogo a mais de trinta vellas [2]. A algumas naus que o cheick tinha mandado aliar para terra para lh'as não queimarem, acudiram os nossos, e apezar da muita resistencia dos inimigos, conseguiram incendial-as.

Aquelle amontoado de navios enrascando-se uns nos outros e uns aos outros communicando o fogo que rapidamente alastrava envolvendo-os em chammas, mostrou ao cheick que a armada que o defendia estava aniquilada; e o incendio já manifestado em terra fez-lhe conhecer a impossibilidade de resistir. Pactuou emfim, submettendo-se e fazendo ao capitão mór propostas de paz, amizade e submissão, obrigando-se a pagar tributo ao rei de Portugal, e a permittir que os portuguezes alli construissem uma fortaleza.

Estava realisado o inicio do grandioso plano de Affonso d'Albuquerque. Com quatrocentos e sessenta homens, que tantos eram os que compunham as guarnições dos seus seis navios, e tão pequena força naval, tinha submettido cinco cidades e ganho para Portugal a perola do Golpho Persico, a cubiçada Ormuz.

J. D.

(¹) Goes—chr. de El-Rei D. Manoel—2.ª parte, cap. 31.
(²) Dec. 2.ª—L. 2.º—Cap. 3.º

(¹) Lendas da India—T. 1.º pagt 8?5
(²) Barros—Dec 2.ª—L. 2.º—Cap. 3.º

POESIA DE ALMEIDA-GARRETT

Vertida em italiano pelo Rev. Prospero Peragallo

RAMO DE CYPRESTE

Á Ex.ma Sr.a D. Anna L. de T.

A esta frente desbotada
De angustias e dissabores
Não cabe o louro da gloria
Nem as rosas dos amores:
A triste fado votada
Sem renome, sem memoria,
Nem terá piedosas flores
Sobre a campa abandonada.
Sei que do negro cypreste
Só me toca a palma obscura...
Mas nem essa rama escura
Que por tuas mãos colheste,
Nem essa quiz a ventura
Que me viesse coroar...
Tão cruel é minha estrella,
Tão funesto é meu dezar!

Á mão innocente e bella
Que o triste ramo colheu, [1]
Por mui alto para meu,
Volta pois o dom fatal;
Mas fica,—esse, sim!—o agouro
Que prophetiza o meu mal.
— Oh! quando faminta espada
Ou sibilante pelouro
Houver emfim terminada
A amarga, penosa vida...
Ao menos — se assim pedida
Mercê tal é de outorgar —
D'esses teus olhos divinos
Uma lagrima sentida
Venha piedosa os destinos
Do proscripto vate honrar.

(San'-Miguel—1832).

(¹) Na ante-vespera da nossa partida de San'-Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora — que hoje deve ser anjo no céo — colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor... no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituisse, e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. É quanto basta para se elles intenderem: com o mais não tem nada o leitor.

(Nota de Almeida-Garrett em 1844).

RAMO DI CIPRESSO

Alla Ecc.a Sig.a D. Anna Leite de Treve [1]

Alla fronte mia solcata
Da disgusti e da dolori
Non convien sèrto di gloria
Ne le rose degli amori:
A un destin fiero dannata
Senza fama, ne memoria,
Non avrà pietosi fiori
Sulla tomba abbandonata.
So che solo del cipresso
Tocca a me la fronda oscura...
Ma neppure il ramo stesso,
Che per me cogliesti adesso,
Consentito ha la ventura
Che mi fosse a incoronar. .
Sì crudele è la mia stella!
Sì il destin mi fa penar!

Alla mano inconscia e bella
Che a me il triste ramo ha offerto,
Come eccede esso il mio merto,
Torna quindi il don fatal;
Però resta, ah, sì! l'augurio
Che prenunzia già il mio mal.
—Quando fia che acciar tagliente
O fischiante artiglieria
Avrà spento finalmente
Questa amara vita mia...
Almen — se la mia preghiera
Or ti degni di ascoltar —
Da quegli occhi tuoi divini
Una lagrima sincera
Venga i miseri destini
Del vate esule a onorar.

(¹) Per intendere questa poesia, Garrett appose la seguente nota»:—«Nella anti-vigilia della nostra partenza dall'isola di S. Michele colla spedizione per Porto, una giovine signora colse un ramo di cipresso e lo diede all' autore... Nel dì seguente volle che glielo restituisse; e il ramo tornò accompagnato da questi versi.»

Essendo già morta la donatrice, il suo cognome fu reso di publica ragione.

(Nota do traductor).

ARABIA

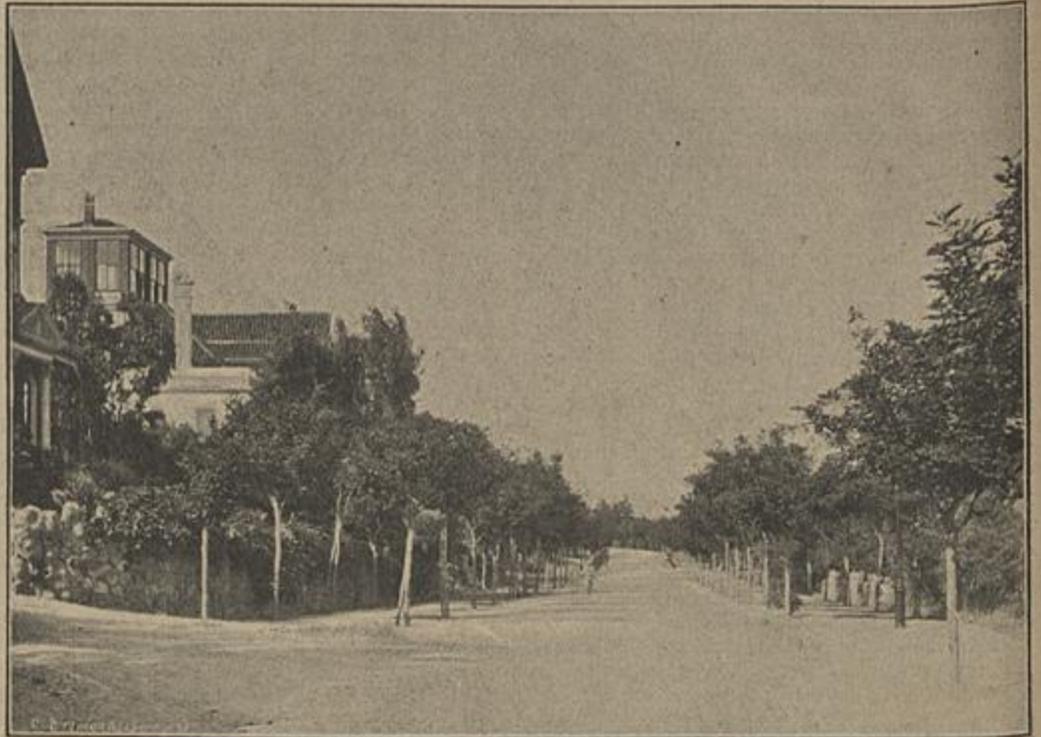
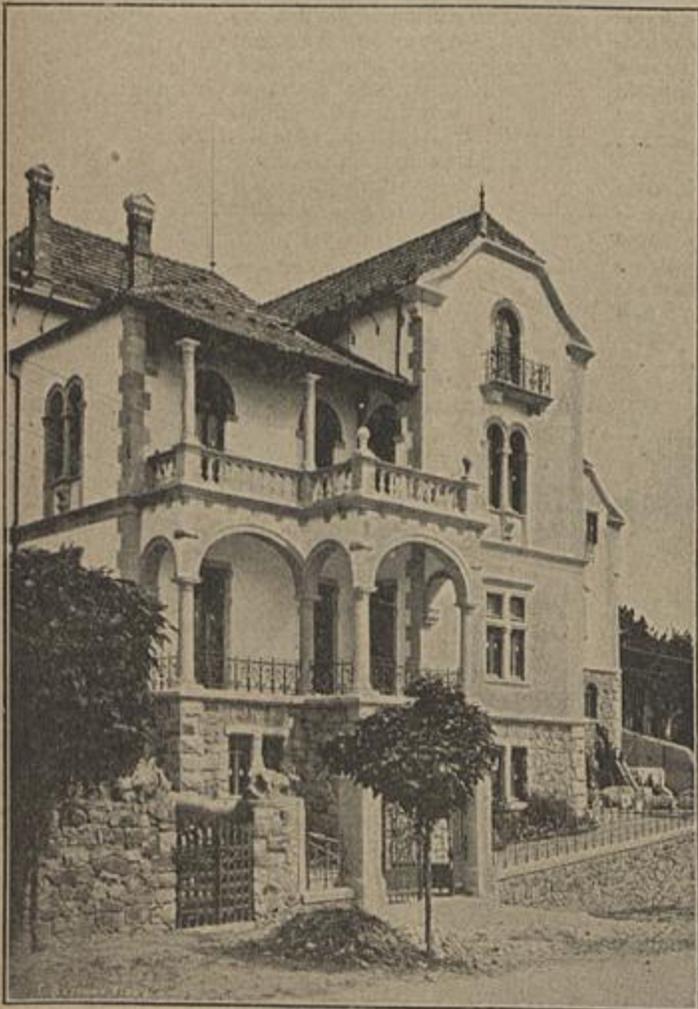
«A Asia occidental, disse Cantú com propriedade, avança da Syria para o oceano Indio n'um vasto trapezio reunido ao Egypto pelo isthmo de Suez, e banhado a oeste pelo mar Vermelho, a léste pelo Euphrates, que forma o seu limite pelo lado da Persia e se lança no golfo Persico.» É n'esta região que a Arabia se acha comprehendida, devendo eu rectificar na affirmação do finado historiador italiano, a parte relativa ao contacto territorial asiatico com o paiz dos Pharaós, visto que a obra de Lesseps lhe trouxe uma solução de continuidade, havendo agora um canal onde existira isthmo. A Arabia propriamente dita, abrange uma area de 2.800:000 kilometros quadrados de superficie, contendo talvez doze milhões de povoadores, espalhados pelas seguintes divisões que os indigenas conhecem: o Hedjaz, o Iémen, o Oman, o Lahsa e o Barria ou Bahr-Abad.

A designação mais vulgar e corrente entre nós, é assim definida: «Hedjaz, ou Arabia Pétrea, a noroeste; Arabia Deserta, no centro e a léste; Iémen, ou Arabia Feliz, a sudoeste.»

O seu sólo, pingue no litoral, contrasta desagradavelmente com a esterelidade no interior, em que só massas intermináveis de areias abrazadas se offerecem á contemplação temeraria, perigoso como é o vento *simoun* que ali reina.

A este phenomeno atmospherico e á prága dos gafanhotos é devida a improcedencia das culturas.

No terreno das costas porém, germinam e medram substancias aromaticas, café, alóes, incensos, tamaras, etc. Possuem os habitantes bellos cavallos de raça, porventura a melhor do mundo e chegam até a conservar com todo o escrupulo as genealogias de semelhantes animaes; mas, o mais impagavel representante da zoologia para elles, é sem contestação o camêlo, singular quadrupede a respeito do qual peço venia para transcrever do *Diccionario da Geographia Commercial*, de Peuchet, a seguinte pagina elegante e conceituosa: «Cependant l'Arabe à l'aide du chameau a su franchir et même s'approprier les lacunes de la nature. Un arabe, qui se destine au métier de pirate de terre, s'endurcit de bonne heure à la fatigue des voyages; il s'essaie à se passer de sommeil, à souffrir la faim, la soif, et la chaleur, en même tems il instruit ses chameaux, il les élève et les exerce dans cette même vue; peu de jours après leur

naissance, il leur plie les jambes sous le ventre, il les contraint à demeurer à terre et les charge, dans cette situation, d'un poids assez fort qu'il les accoutume à porter et qu'il ne leur ôte que pour leur en donner un plus fort; au lieu de les laisser paitre à toute heure et boire à leur soif; il commence par règler leurs repas, et peu à-peu les éloigne à de grandes distances, en diminuant aussi la quantité de la nourriture, lors qu'ils sont un peu forts, il les exerce à la course par l'exemple des chevaux, et parvient à les rendre aussi légers et plus robustes; enfin, dès qu'il est sûr de la force, de la légéreté et de la sobriété de ses chameaux, il les charge de ce qui est nécessaire à sa subsistance et à la leur, il part avec eux, arrive sans être attendu aux confins du désert, arrête les premiers passans, pille les habitations écartées, charge ses chameaux de son butin, et s'il est poursuivi, s'il est forcé de précipiter sa retraite; c'est alors qu'il développe tous ses talens et les leurs; monté sur un des plus légers, il conduit la troupe; la fait marcher jour et nuit, presque sans s'arrêter, ni boire, ni manger; il fait aisément 300 lieues en huit jours, et pendant tout ce tems de fatigues et de mouvement, il laisse ses chameaux chargés, il ne leur donne chaque jour qu'une heure de repos et une pelotte de pâte; souvent ils courent ainsi neuf ou dix jours sans trouver de l'eau, ils se passent de boire, et lorsque par hazard il se trouve une mare à quelque distance de leur route, ils sentent l'eau de plus d'une demielieue, la soif qui les presse leur fait doubler le pas, et ils boivent en une seule fois pour tout le tems passé et pour autant de tems à venir, car souvent leurs voyages sont de plusieurs semaines, et leurs tems d'abstinence durent aussi long tems que leurs voyages.»

MONT'ESTORIL — Avenida Saboya

MONT'ESTORIL — Chalet da sr.ª condessa de Pomares

Na pagina do auctor alludido existem elementos bastantes para se formar juizo da raça arabe e da sua peninsula famosa, que demora na zona torrida, quasi inteira.

Não custa a acreditar, sem reparo de exagero, o que diz Jonquière na *Historia do Imperio Ottomano*: «L'Arabie est nominalement sous la dépendance du Sultan, mais il ne possède en rèalité que les villes saintes de l Islamisme, la Mecque et Médine, Sanaa, Taëf, Djedda. Le reste du pays est indépendant.«

De quem derivam os arabes?

É esta uma pergunta que se formula naturalmente, e a que está dada resposta cabal em palavras de Deus dirigidas a Abrahão: «*Ismael será o tronco d'um povo numeroso e possuidor d'uma vasta região.*»

O filho do grande patriarcha hebreu e da escrava Agar, é pois, na ordem dos tempos, o ascendente primacial das tribus celebres de que os beduinos, errantes sempre, constituem um documento typico originario. Nenhum conquistador afamado logrou jámais fincar no solo da Arabia raizes perduraveis do seu poder, e nunca gente arabe dobrou a cerviz ante a força de ninguem.

A natureza local e a indole das pessoas casamse admiravelmente, fundindo-se n'um todo indomavel e altivo.

As cidades principaes d'esta região, cuja extensão maxima regula por 2.500 kilometros na linha Norte-Sul e cuja maior largura orça por 2.000 kilometros de Oeste a Este, são Medina, Meca, Djeddah, seu porto, Sana e Moka no Iemen, sendo aquella capital e esta ponto notavel do commercio do café mais excellente de que ha noticia no nosso planeta, Aden, porto inglez junto ao estreito de Bad-el-Mandeb na entrada do mar Vermelho e Mascate, porto situado no golfo d'Omna.

Esta ultima cidade mantém-se sob forma autonoma, exercendo a sua acção governativa dos dois lados do golfo Persico. A palavra *iman*, designa o nome da sua auctoridade suprêma.

O commercio faz-se geralmente por troca operada entre a população do interior da Arabia e a das localidades maritimas, estando em pleno vigor o systema das caravanas, unico praticavel em circumstancias favoraveis n'aquelle meio ainda pouco civilisado e de inclemencia rude. As pennas d'abestruz e a pesca do coral e das perolas na ilha de Bahrein, fornecem um emprego de industria aos arabes, grande numero dos quaes se entrega de preferencia á vida nomade.

O polytheismo tem reinado qnasi constantemente entre os arabes, e no templo de Meca, Caaba, vêem elles uma fundação levantada pelos proprios anjos e a cujo abrigo se acolheu o primeiro homem, quando expulso do Paraizo.

Não obstante haverem rodeado o Caaba com 300 idolos, o seu polytheismo religioso consentia-lhes uma certa reducção de principios á «unidade divina!»

Como homenagem á memoria d'um trabalhador infatigavel na causa da instrucção, Felix Pereira, devo inserir n'este logar dois periodos curtos, encerrando aliás na sua concisão perfeita a verdade inteira dos factos: «Os povos, que, como os arabes, tem apresentado o mesmo aspecto, o mesmo trajo aos olhos dos seculos, que se apresentam como as reliquias vivas do mundo antigo, monumentos immutaveis do passado, são, no que respeita á historia, quasi o mesmo que o mundo material, que é hoje o que era ha seis mil annos, que só dura e não vive. O viajante, que actualmente visita os desertos da Arabia, maravilha-se

MONT'ESTORIL — Chalet do sr. conselheiro Marianno de Carvalho

BELLAS ARTES

A BATALHA NAVAL DE ORMUZ — Quadro do sr. João Dantas na ultima exposição do «Gremio Artistico»

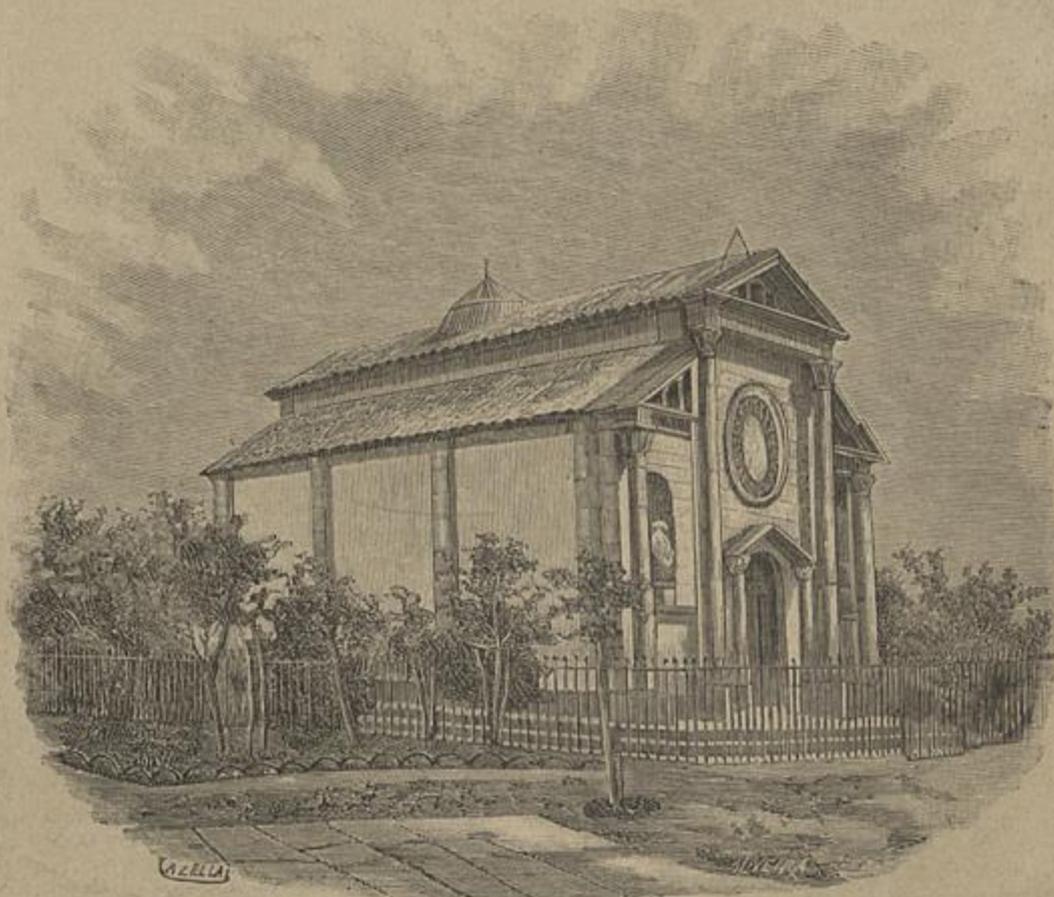
de ver os costumes dos antigos hebreos, quando, como Loth e Abrahão, dividiam entre si as terras para a pastagem de seus gados, do mesmo modo que hoje praticam a respeito da caça, os selvagens da America.»

Hovelacque, diz no seu livro *A Linguistica*, que: «L'étonnante fixidé propre aux idiomes sémitiques n'est nulle part plus manifeste que dans la langue arabe. Rien de plus curieux, on pourrait dire rien de plus étrange, que la constance presque parfaite de l'arabe à travers les temps qu'il a parcourus et dans les espaces immenses qu'il a occupés.»

São os arabes, como escreveu Bouillet no seu *Diccionario de Historia e de Geographia*, «baixos, magros e morenos» e dados em excesso á poesia, para que, a sua lingua riquissima, é banquete lauto de imagens esplendidas. No campo da rima, a que servem de alimento narrativas de successos moraes, proposições enigmaticas e maximas sentenciosas, os seus versos ficam symbolisando evidentemente «a expressão expontanea de paixões ardentes, de desejos impetuosos, d'affectos d'amôr ou de vingança» conforme Cesar Cantú chamou á poesia arabe.

Vou terminar este estudo resumidissimo, pôndo diante da vista do leitor o seguinte quadro devido á mão habil de Cortambert, o qual traçou a largas pinceladas com todo o relevo preciso, a feição caracteristica na physiologia da terra onde se ergue o famoso monte Sinai e é principal entre as tribus a familia dos koreischitas directamente descendentes de Ismael: «L'Arabie est coupée à peu près vers le milieu par le tropique du Cancer, et elle se trouve par conséquent comprise en grande partie dans la zone torride. On y distingue deux saisons: celle de la secheresse et celle des pluies. Immédiatement après cette dernière, les plaines désertes se couvrent d'une riante verdure et d'un tapis de fleurs; mais la scène change bientôt, et quelques jours suffisent pour amener une chaleur brûlante, pour dessécher les herbes et rendre ou désert toute sou affreuse nudité. Cependant il se passe souvent plusieurs annés sans qu'il tombe une goutte de pluie dans certains cantons; il en résulte la disette des dattes, qui suppléent au pain dans ce pays, et de là des famines redoutables, cause principale de l'irruption de ces essaims d'Arabes qui se sont jetés sur d'autres régions. Les vents sont très-violents et très-dangereux: le plus terrible est le *simoum*, vent du S., qui souffle dans les parties septentrionales, et qui, entraînant des nuages d'un sable rouge et brûlant, les fait tourbilloner avec impétuosité.»

Creio haver feito sobresahir no seu conjuncto exotico o paiz do genuino incenso, que abraça um espaço comprehendido entre o 12° e o 34° grau de lat. Norte.

Resta-me agora mostral-o como ampla scêna theatral de um acontecimento extraordinario na historia das gerações humanas, qual é o nascimento de Mahomet, a consequente prégação da

50.° ANNIVERSARIO DA MORTE DO REI CARLOS ALBERTO — Capella no Porto onde se celebraram, no dia 28 do corrente, solemnes exequias

sua doutrina e a marcha conquistadora dos arabes.

Desde os ultimos tempos do seculo VI até finalisar a primeira metade do seculo VIII, o povo de Ismael provocou o assombro legitimo e o justo pasmo dos habitantes do mundo conhecido, e se, talou muitos campos na sua passagem e destruiu e arrazou muitas povoações fortificadas, é certo tambem que legou á posteridade numerosos vestigios scientificos de recordação indelevel á conta dos seus triumphos e das suas victorias. Rematarei com phrases de Barthélemy Saint Hilaire, alludindo ao genio arabe: «Elle não teve o explendor immortal e a fecundidade inexgotavel de alguns outros; mas não foi inutil á humanidade; e n'um certo momento, foi elle que segurou o sceptro que o mundo antigo deixava escapar, antes que o mundo novo soubesse rehavêl o.»

D. Francisco de Noronha.

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

O senhor Harvey, não obstante estar á testa de uma das mais concorridas casas de cambio, era homem em extremo afavel e de mui humana condição. Salvo em questões de negocios, não gostava mesmo nada de molestar o seu semelhante; e manifestava identica benevolencia, em grau assás apreciavel, ainda no modo porque tratava os proprios animaes de infima especie.

Até nos casos em que tinha de se haver com essa quota-parte do mundo entomologico, com esses insectos no tracto intimo dos quaes a humanidade tem de empregar atanaz, vassoura, preparados tóxicos e pós destructivos, patenteava Mr. Harvey a natural bondade de coração, appellando para o auxilio de taes agentes de exterminio, apenas com benevola firmeza. O insecto obnóxio era privado da vida apenas com esse maximo de rapidez que promettia garantir-lhe um minimo de dôr.

Se o senhor Harvey fôra acaso um tyranno, — empregamos o vocabulo no sentido o mais remoto e o melhor — teria sido entre os tyrannos todos o primeiro a empregar a electricidade nas execuções de criminosos; e se por ventura a sciencia houvera revelado qualquer meio mais genial de liquidar com os faccinoras — meio mais rapido, quero eu dizer, e menos penôso do que a electricidade — têl-o-hia adoptado sem demora.

Occasiões havia em que sentia acerbamente que a sua situação n'este mundo não fosse a de tyranno. Occupando semelhante posição — áparte as obvias vantagens que d'ahi lhe resultariam em tudo que dissesse respeito ao manejo do seu negocio de cambios, por meio de decretos — haveria tornado effectivas inumeras quanto aperfeiçoadas theorias de governação da sua propria lavra, ou que tinha lido durante o extensissimo estudo a que se entregára das obras dos mais reputados escriptores sobre assumptos de economia politica.

Uma das reformas que elle com maior intimativa se empenhava em realisar era a adopção de um systema de philantropia racional em resultado da qual toda e qualquer pessoa debil por condição ou imperfeitamente conformada — e por consequencia todos os imbecis, lunaticos incuraveis e criminosos hereditarios — viriam a ser eliminados á porção physica e moralmente sã da especie humana pelo modo menos penoso e mais expedito de que fosse possivel lançar mão.

Sendo elle pois uma pessoa de tão pratica como resolutamente benevola condição, a indole natural do senhor Harvey impellia-o a offerecer ao Thomé, á escolha, como se dissessemos, entre o *bôlo* e uma gravata de guita em volta do gasnete, chegado que foi esse momento, em que o mesmo Thomé, já muito avançado em edade, entrou pouco a pouco a cegar. Cedendo, porém, aos rogos da senhora Harvey, que não cultivava o estudo da economia politica, e era entranhadamente affeiçoada ao Thomé — consentiu em suspender durante uma estação a sentença de morte, e permittiu até á senhora Harvey que consultasse um oculista. Assim que o competentissimo especialista o certificou, porém, da impossibilidade da cura, e quando a cegueira do Thomé se agravou a ponto d'este não poder andar pelas casas sem embicar e dar cabeçadas nas mezas e nas cadeiras, a senhora Harvey foi a primeira a admittir que a maior prova de carinho para com elle seria livral-o de tão afflictivo estado acabando-lhe com a vida. O senhor Harvey, então, com a sua maneira praticamente bondosa, affirmou que a coisa se effectuaria sem espalhafato ou esperneadella; que elle proprio carregaria com o Thomé lá para baixo para a adéga e lhe ministraria dóse dobrada de ether n'uma esponja.

A senhora Harvey, ao estreitar pela vez derradeira em seus braços, n'essa fatal noite, o Thomé — a execução effectuou-se já de noite, a fim de que o senhor Harvey tivesse tempo sufficiente de attender á mesma — não conseguiu dominar a propria dôr. O Thomé era, por condição, affectuosissimo. Em transe tão doloroso volveu para ella com ternura aquelles seus olhos cegos e tão tristes; esticou as aveludadas patinhas, alternadamente e com tanta força d'encontro aos braços d'ella, que fez tinir o guizo de prata que trazia ao pescoço; e com o vigor todo que lhe restava ainda em seu idoso corpinho, soltou um miar amoroso. O lance era para despedaçar o mais duro coração. O proprio senhor Harvey, no acto de soltar com brandura o Thomé dos braços que o cingiam, e de lhe pegar ao cólo com delicadissimo cuidado, sentia um tal nó na garganta, que as palavras com que intentara consolal-a, articulou-as com assáz de difficuldade; e a tal ponto o dominava a commoção, que por pouco lhe não escápa um pé e não vae parar de roldão pela escada lá abaixo á adéga. Quanto á senhora Harvey, quando lhe foi arrancado dos braços o Thomé, succumbiu de todo, e deixou-se cahir sobre o sofá em verdadeira agonia de pranto. Desde os primeiros dias da gatal infancia do Thomé que ella dedicára a este ternura e carinho, e no percurso d'esses quinze annos que durou tão affectuosa companhia, o amor que lhe consagrava creara raizes fundas. Era um golpe bem acérbo, esta final separação, e de modo que tão cruel se lhe afigurava, inda por cima!

Decorrida meia hora, minuto mais minuto menos, o senhor Harvey, trazendo comsigo o arôma d'um laboratorio de dentista — regressava ao seu escriptorio.

Vinha coberto de teias de aranha, muito palido, e aljofrando-lhe a testa, o suor, em camarinhas. Esteve um pedaço sem se atrever a proferir palavra; sentou-se ao lado de Mrs. Harvey e estreitou-a nos braços. Vinham apenas interromper o silencio os soluços da pobre senhora.

Manifestação de dôr tão pungente por parte dos conjuges, não éra, dadas as circumstancias, de modo algum para admirar. Não tinham próle, e o Thomé, durante largos annos, preenchêra no coração de ambos, e no lar commum, o logar de filho. Fôra, no seu periodo aureo, o maior e o mais formoso de todos os gatos maltezes vistos, até então, em Philadelphia (cidade alias reputada pelos seus gatos maltezes de proporções descommunaes) e as suas prendas intellectuaes estavam em perfeita harmonia com a sua perfeição physica. Tendo sido adoptado — ia quasi a dizer perfilhado — em tenra edade e criado com extremôso carinho, desenvolvêra, mercê de bem dirigidos exercicios, um sem numero de prendas. — fôra, em summa, um gáto, todo elle habilidades e partidas; um gáto em extremo sociavel e de tão meiga condição que, sem jámais se fazer rogádo estava sempre prompto a exhibir ás visitas as suas gracinhas, a dar lhes provas da sua gatal proficiencia. Tinha por costume, durante as refeições, — não assistindo a ellas pessoas de cerimonia — sentar-se ao lado de Mrs. Harvey n'uma cadeira mais alta, comendo com muito proposito no seu pratinho especial, e manifestando percepção tão fina das exigencias da etiquetta da mêsa, que não tivessem medo que elle entrasse a comêr emquanto lhe não atassem o bibe.

A noite, o guizo de prata que trazia ao pescoço, tilintando a compasso do seu trotar miudinho, annunciava ao pessoal da casa que o patrão e a patrôa, recolhendo do escriptorio — onde costumavam entreter o serão — iam, com o seu felino batedor na deanteira, dár entrada na alcôva conjugal.

Com a maxima gravidade, atrepava o lanço de tres degraus que conduziam ao aposento; dava as boas noites aos dônos estendendo a patinha para que lh'a apertassem; e depois, por accôrdo proprio, ella lá ia para o toucador de Mrs. Harvey, aconchegar-se no açafate que lhe servia de leito; e de manhã, assim que sentia bolir alguem no quarto de cama, lá vinha elle do toucador, a trote, dar-lhes os bons dias, com um *renháháu* tão garganteado e tremido e cheio de requébros, que até parecia milagre não ficar sem folego. Tractando-se, como vêem, de um gáto com tão excepcionaes predicados, facil lhes será o suppôr, que a perda do interessante bichano assumisse as proporções de verdadeira calamidade domestica.

Assim que abrandou a violencia da subita impressão produzida por tão pungente golpe, e os dois socegaram um tanto, Mr. e Mrs. Harvey estivéram um bom pedaço recordando um e outro com saudade e carinho as prendas do chorado Thomé — e encontrando consolação triste na lembrança de tão infinitos predicados. Em seguida, sobreveio a consideração respectiva ao módo porque haviam de dispor dos restos mortaes da adorada creaturinha.

O sr. Harvey, com as suas vistas praticas, suggeria a carroça do lixo; Mrs. Harvey, porém, nem por sombras admittia alvitre de tamanha irreverencia.

«A falar a verdade, isso só da tua cabeça! bradou com energia. Que falta de sentimento! O Thomé merece muito mais um cantinho no cemiterio, do que muitos que lá estão occupando lugar. Hade ser interrado com decencia, sequer ao menos!»

— Não digo que não, respondeu Mr. Harvey; manda-lhe abrir uma cóva no saguão.

— Isso, nunca! — retorquiu a esposa; não poderia conformar-me com a ideia de o ter enterrado tão perto de mim; e de mais, seria insultar-lhe a memoria; o Thomé nunca foi um gáto de saguão. Nada! nada! de modo nenhum!

— «Lá em baixo na adéga, então, — suggeriu Mr. Harvey, em tom conciliatorio, porém, hesitante.

«Não póde ser! replicou a saudosa senhora. Têl-o assim, debaixo de nossos pés, seria horrivel — estou persuadida de que se o enterrassemos na adéga, o seu aspéctosinho querido nunca mais deixaria de nos apparecer todas as noites. Nada nada! Eu te digo o que se hade fazer: levamol-o para o arrabalde e interra-se no jardim do João. Qualquer gáto dar se-hia por satisfeito se o enterrassem n'um jardim tão bonito; e tenho a certeza de que o João não porá obstaculo a que lhe mandêmos collocar sobre a cóva uma lapide, na qual heide mandar abrir o nome do Thomé, a edade d'elle, e em como, durante a sua vida toda, foi o melhor gáto que jámais veio a este mundo! Sim! é este o melhor alvitre a adoptar no presente caso. Vê ámanhã se vens cêdo do escriptorio, e nós, de tarde, vamos tractar do funeral.

— «A'manhã não posso — Bem sabes que tenho de ir á cidade; e se aquella gente do syndicáto fizer alguma trapalhada, o que aliás é provavel, tenho de me demorar por lá até tarde, e apenas poderei voltar no comboio da meia noite. Se não tivesse negocios a aviar por cá, logo de manhã, até passava lá a noite.»

Mrs. Harvey permaneceu, por momentos, immersa em profundo silencio. — Depois, em tom firme e decidido: — «Eu propria, disse, levarei o pobresito do Thomé. A'manhã de manhã, antes da partida, podes mettêl-o dentro do cabáz da prata — agora com o coffre de segurança na dispensa, já nos não faz falta — e d'ahi, é um cesto muito decente para qualquer levar na mão. — Estende lhe ao de cima um guardanápo para ficarem suppondo que é algum mimo que eu levo a um doente. Para levar á rua, a falar verdade, é um cabaz um tanto alentado, não deixára de dar nas vistas, bem sei; e d'ahi, o mais que podem dizer é que sou boa pessôa, por carregar com semelhante contrapêso. Então, que dizes ao meu plano, deves confessar que não é dos peiores. O sr. Harvey não parecia disposto a conceder ao projecto annuencia incondicional; todavia, acabou por admittir que um tal meio éra sem duvida o unico que promettia a Mrs. Harvey realisar os seus carinhosos desejos, com respeito á inhumação de Thomé no jardim do mano João. E em conclusão, combinadas as coisas d'este módo, subiram a escadinha e foram-se deitar.

A caminhada, comquanto breve, não podia ser mais triste. Na dianteira não trotava pelos degraus nenhum vultosinho cinzento; não ouviram tilintar nenhum guizosinho de prata; nem viram depois estendidas para elles patinhas quaesquer que fossem, dando-lhes as boas noites. Mrs. Harvey, d'esta vez, succumbia de todo, e Mr. Harvey, para conseguir que ella conciliásse o somno, teve de lhe ministrar um calmante.

Pin-Sel.

MEMORIAL HISTORICO E ARTISTICO

REINALDO MANOEL DOS SANTOS

O auctor da escalinata e pedestaes da estatua equestre, da egreja dos Martyres e do chafariz das Janellas Verdes, em frente do Museu de Arte Ornamental, segundo architecto das obras publicas, na ordem da successão, e como tal encarregado de acabar a Bazilica do Coração de Jesus, foi baptisado na freguezia de S. João da Praça, a 16 de dezembro, de 1731.

Filho legitimo de Balthazar dos Santos Henriques e de Luiza Maria de Santo Antonio.

JOÃO DOS SANTOS

Patrão-mór da Ribeira das Naus, o mesmo que dirigiu a cabrea para collocar em seu pedestal a estatua equestre d'el-rei D. José I, nasceu na rua da Silva, em Lisboa, e foi baptisado na freguezia de Santos, a 24 de junho, de 1716, tendo, portanto, 59 annos de edade, quando prestou essa prova de habilidade que tantos encomios lhe valeu.

Filho legitimo de Raymundo dos Santos e de Maria de Jesus, foi casado com Thereza de Jesus.

ANTONIO LOURENÇO CAMINHA

Segundo se póde ver em Innocencio, «Antonio Lourenço Caminha, cavalleiro da Ordem de S. Thiago, foi durante muitos annos Professor de Rhetorica e Poetica, primeiro com exercicio na Villa de Ourique, depois em Lisboa.»

Tendo alcançado a nomeação de official da Bibliotheca Publica, veio a fallecer n'esta situação em edade mui provecta e quasi decrepito em julho de 1831.

Auctor de varias obras poeticas, traductor de outras e editor de escriptos ineditos, é n'esta qualidade que tem o seu logar a pag. 188 do Tom. I do *Diccionario Bibliographico.*

Innocencio, porém mencionando as circumstancias acima constantes a respeito d'este auctor, não lhe dá a naturalidade.

Antonio Lourenço Caminha foi natural da freguezia de Seixas, termo de Caminha, Arcebispado de Braga.

Foi casado com Angela Maria, natural da Povoa de Santo Adrião e com ella se recebeu na freguezia dos Martyres.

O documento de onde extractamos estes pormenores diz que Antonio Lourenço Caminha e sua mulher eram residentes na «rua larga», isto é, na Rua Larga de S. Roque, d'esta cidade.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

Não nos lembra se em algum dos estudos biographicos que temos lido d'este artista se menciona a sua filiação. Aqui fica, pois, com a explicação que deve dar-se, cremos, ao appelido que o grande pintor tornou para sempre lembrado aos cultores das Bellas Artes de Portugal.

Domingos Antonio de Sequeira nasceu a 10 de março de 1768, e foi baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, a 30 d'esse mesmo mez. Foram seus paes Antonio do Espirito Santo e Rosa Maria de Lima. Seu padrinho de baptismo chamou-se Domingos de *Cerqueira* Chaves.

Provém, decerto, d'ahi haver o artista adoptado, mas mal entendido, o primeiro dos appellidos do padrinho, pelo qual, modificado, ficou Sequeira sendo conhecido, visto como na pia baptismal lhe havia já sido imposto o nome que do padrinho lhe vinha tambem.

ARCHANGELO FUSCHINI

Cyrillo Volkmar Machado se refere a este pintor, a pag. 145 das suas, mesmo como estão, ainda assim preciosas *Memorias.*

Ao que o diligente artista ahi deixou escripto, accrescentaremos que Archangelo Fuschini nasceu em Lisboa, a 23 de maio de 1771, e foi baptisado na egreja de Nossa Senhora do Loreto, da nação italiana, pelo parocho d'esta freguezia, padre João Francisco Delfim.

Seus paes, que se chamavam Francisco Fuschini, natural de Faenza [1], e Natalina Môro, veneziana, foram recebidos na freguezia de S. José, e residiam na calçada da Gloria, da mesma freguezia.

Foi padrinho do baptismo do futuro pintor do Palacio da Ajuda, Henrique Fernando Wagner, representado por Alvaro Tomazini, e madrinha D. Maria Archangela Branderburg, representada por Francisco Xavier de Araujo.

G. de B.

O MONGE DOS MARES

É o mais extravagante e curioso d'esses innumeros animaes que habitam os mares. Pertencente á familia das phocas, o seu nome deriva de uma especie de tunica escura, parecida com o burel, e de um como capuz preto que nitidamente se lhe desenha em torno da cabeça de uma physionomia quasi humana.

Essa cabeça, de forma arredondada e intelligente, com olhos rasgados que denunciam uma accentuada expressão, tem o que quer que seja de nobre, grave e pensativo. Nem orelhas nem cauda, mas em compensação uns famosos bigodes á semelhança dos que usam os tartaros; um collo flexivel como o do cysne; movimentos graciosos e compassados.

Como todas as phocas, é um habil nadador. Mas em terra, apoiando-se no peito, limita-se a uns saltos desengraçados, com o pescoço extendido e o olhar vago e melancholico. Dir-se-hia um d'esses infelizes aleijados que se arrastam sem movimento nas pernas, ou um desventurado arlequim a quem uma paralysia subita cortasse os seus comicos exercicios de deslocação.

De uma saude de ferro, só o focinho é a sua parte vulneravel, o seu... calcanhar de Achilles. É ao focinho que se lhe lança o harpéo, e é pelo focinho que elle morre.

Encontra-se este animal em differentes mares, mais especialmente porém no Adriatico, cujas ondas ensoalheiradas murmuram ainda as suas fabulas e lendas. De facto a sua admiravel expressão humana e o singular capuz que lhe serve de adorno, não podiam deixar de, em todos os tempos, ferir a imaginação dos poetas e excitar o terror supersticioso dos navegantes.

Nas eras mythologicas attribuia-se ao monge dos mares a formação dos rebanhos de Neptuno, e as lendas diziam que elle acompanhava em curvas buliçosas o carro do mesmo deus. Agora, este amphibio, aposentado das suas funcções mythologicas, vive concentrado no fundo dos mares, d'onde ás vezes tem a infelicidade de sahir para ir enriquecer as collecções dos domadores de feras, obrigado a repetir machinalmente *Papá, Mamã*, como uma creancinha sahida das faixas infantis. Depois da mythologia, a exhibição grotesca; depois do culto, a força; depois de Neptuno, a vergasta do belluario, com uma barraca por horizonte e uma tina por oceano.

Á semelhança das outras phocas, o monge dos mares é doido pelo peixe; mas é um gastronomo delicado que sabe escolher a primor os seus manjares. Não é um glutão vulgar e insaciavel como o lobo marinho, esse peixe voracissimo que não sabe distinguir um linguado de um atum. É curioso ver como, em qualquer jardim zoologico, o monge dos mares despreza as pescadas muito sentidas e as sardas pouco frescas. E não será para extranhar que elle ainda exija as suas refeições cozinhadas com supplemento de salmonetes na grelha e de rodovalho estufado.

A phoca commum abunda especialmente nos mares polares, onde se encontra aos bandos, cobrindo os gelos movediços e as praias solitarias. Tem o polo por berço, as geleiras por dominio, e por sol a magica irradiação, os rubros e mysteriosos clarões das auroras boreaes.

Os seus inimigos são o esquimal e o urso branco. O primeiro fisga-a, bebe-lhe o azeite, come-lhe a carne, e da sua pelle faz roupas, tendas e pirogas. O segundo, acaçapado na neve, espreita e aguarda a sua apparição: mal a phoca surge entre dois gelos, ou do seio de uma geleira, o urso branco apodera-se d'ella, arrebata-a, suffoca-a e devora-a.

Entre as diversas especies de phocas distinguem-se: o lobo marinho, que chega a ter vinte e cinco pés de comprimento, a phoca proboscida ou leonina (por ter tromba e ter juba), a vacca marinha de presas formidaveis, e finalmente o monge dos mares, uma das maiores curiosidades do Mediterraneo. E, segundo se diz, um dos espectaculos mais surprehendentes é vel-o em plena tempestade erguer-se do fundo das aguas, levantar a cabeça quasi humana, de um aspecto grave e monachal, e extender as mãos como se quizesse benzer as vagas.

Francisco de Almeida.

Recebemos e agradecemos:

Auras, *por Alberto Vieira — Typographia Cardoso & Irmão — Lisboa, 1899.*

Nas suas 88 paginas encerra este livro uma collecção de poesias assaz crescida. O seu auctor metrifica com facilidade e harmonia.

Se nem sempre os conceitos são de um requinte poetico bastante elevado tem, comtudo, imagens felizes, abundando os quadros bem descriptos e sentidos. Para amostra d'estas qualidades, deveras apreciaveis, eis esta linda poesia.

VIDA!

No valle acorda o lirio á luz da madrugada,
Aos pés da flôr sorri, humilde, a violeta,
E sobre a alfombra cae a rosa desfolhada;
N'ella rasteja um verme; adeja a borboleta
E a luz da madrugada
A pouco e pouco aviva a terra fecundada.
O sol ardente estende os raios luminosos
Ao longo dos trigaes. Ao fundo da cabana
Esfrega um pequerrucho os olhos lacrimosos;
Ao seio a mãe conchega-o; e os peitos da serrana
Ficam presos d'amor aos labios sequiosos!

O quadro é visto em flagrante. A descripção denota no poeta uma rapida e justa observação. Pena é que o quarto verso da delicada composição seja um congresso de *ee* muito compromettedor e que a phrase a pouco e pouco não seja verdadeira. Sem estes senões, a poesia seria impeccavel, primorosa.

Ave Azul — *Revista de arte e critica — Directores: Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos — Vizeu — Junho de 1899.*

Alcança ao fasciculo 6 da serie 1.ª os que temos presentes d'esta nova publicação viziense, que dirigida com superior criterio, tem inserido valiosas e interessantes composições em prosa e verso.

Do ultimo numero era o seguinte o summario: *Chronica* — Carlos de Lemos — Sala de visitas *(Lyrismo Fruste*, de Camillo Pessanha: *Preludios* de Ribeiro de Carvalho; *Do «Evangeliario»* de Pinho d'Almeida; *Resignação*, de J. Agostinho d'Oliveira; *Noites Negras*, de Sanches da Gama — *Cartas Abertas* — Beatriz Pinheiro — *Estrella d'Alva* (sonetos) — Carlos de Lemos — *A Maria Corcunda* — Beatriz Pinheiro — *Esperança Nossa* (critica) — Carlos de Lemos — *Serões Posthumos* (romance) — Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos.

Para amostra do valor litterario dos directores da *Ave Azul*, offerecemos aos leitores os dois sonetos que dedicaram

Á memoria do poeta das «Peninsulares»
Dr. Simões Dias

I

Nasce o Poeta: — e, na edade dos Amores,
Toda a sua Alma, em pleno abril é um canto:
Ao rythmo subordina o riso e o pranto...
Ao verso molda os jubilos e as dôres.

Morre o Poeta: e alli, no Campo-Santo,
Ainda a sua Alma, em pleno abril, dá flores:
As suas lagrimas e os seus suores
Convertem-se em perfumes... por encanto!

Poeta que cantaste... e que morreste:
— lindas flores vão surgir da cova
Onde dormes á sombra d'um cypreste!

Que, se em cada poema e em cada trova
A velha vida em flores desfizeste,
O que não farás tu... da vida nova!

Março de 1899.

Carlos de Lemos.

II

Poeta do Amor, que o puro Amor cantaste
E tão cedo fugiste ao nosso amor,
D'olhos fitos no vivo resplendor
Do sonho que na terra não achaste:

Se *lá*, onde o teu sonho realisaste,
Tu que foste na terra um sonhador,
Algum ecco perdido, algum rumor
Ainda chega do mundo que deixaste:

Que o perfume das rosas desfolhadas,
Que a essencia das lagrimas choradas
Na cova, onde o teu corpo repousou,

Num claro raio de luz p'ra ti voando
Te façam o ether brando inda mais brando
Lá, aonde o teu espirito voou!

Março de 1899.

Beatriz Pinheiro.

[1] E não «bolonhez», como diz Cyrillo.

ATTENTADO CONTRA O EX-REI MILAN

O EX-REI MILAN, DA SERVIA

Relatorio *da direcção do Real Gymnasio Club-Portuguez — Gerencia de 1898 — Lisboa, 1899.*

Tendo sido eleita em 27 de junho de 1898, a presente direcção só tomou posse em 4 de julho seguinte, pelo que a sua gerencia foi só de 6 mezes, tendo comtudo de apresentar as contas relativas a todo o anno de 1898.

No relatorio explicam-se lucidamente os trabalhos da gerencia, que, na verdade, foi dedicadissima e logrou levantar bem alto o nome da sympathica aggremiação, empregando prógidos esforços que fructificaram brilhantemente.

Assignam o presente documento os seguintes senhores: Arthur Leopoldo Xavier Pessôa—Paulo de Quental—Joshua Benoliel—Carlos Arthur Xafredo—Carlos Augusto Fernandes (vencido na parte que lhe diz respeito),—Manuel Ferreira d'Almeida,—e Leopoldo Augusto da Cunha Nery.

Acompanha o relatorio o parecer da commissão revisora de contas, que é subscripto pelos srs. Antonio Rosa da Silveira, João Luiz Alves e Lourenço Gomes da Silva.

Boletim *da Real Associação dos Architectos e archeologos portuguezes—Terceira serie—N.os 5 e 6, Lisboa.*

Estes dois numeros reunidos do apreciavel boletim da conceituada aggremiação inserem varios trabalhos muito interessantes e curiosos.

E' indiscutivel que a Real Associação dos Archeologos tem sabido manter dignamente os seus creditos, bem merecendo a geral sympathia que o paiz lhe tributa pelos seus relevantes trabalhos. Entre os seus socios contam-se quasi todos os eruditos amantes da arte e tradicções nacionaes, e tanto basta para grangear a illustrada corporação todo o respeito e homenagens.

Além das actas e officios da sociedade, relatorio do bibliothecario, e outros documentos, distinguem-se no summario d'estes numeros do *Boletim* os seguintes artigos:

Noticia sobre a egreja do Real Collegio dos Jesuitas, em Angra do Heroismo, pelo sr. dr. José Augusto Nogueira Sampaio. — Dadivas do almirante D. Vasco á Egreja de Juromenha, pelo sr. dr. Sousa Viterbo. — Os artistas da Batalha e o Infante D. Pedro, pelo mesmo auctor. — O convento de Christo, de Thomar, por Ernesto Loureiro, — Noticias archeologicas do sr. Eduardo da Rocha Dias. — Mosteiro de Grijó do sr. Silva Ventura. — Uns curiosos versos sobre os arredores de Lisboa.

Dois numeros cheios como um ovo, como vulgarmente de diz.

Gazeta dos Caminhos de Ferro — *Proprietario-director-editor: L. de Mendonça e Costa — Lisboa, junho de 1899.*

Esta excellente publicação, a unica do seu genero que entre nós se publica, alcança já o seu n.º 277. Para bem corresponder á sua indole contem uma *parte official* por despachos de 5 de março de 1888 e 27 de julho de 1896, do ministerio das obras publicas e interessantes secções, algumas vezes illustradas.

Os seus artigos são sempre muito variados, como se pode verificar do summario de qualquer numero. Eis o do ultimo que temos presente:

Necessidade conomico militar da ligação directa de Lisboa com a rede ferro-viaria do sul do Tejo e sua solução pratica, por Pedro Romano Folque; Carta de Inglaterra, por W. N. Cornett; Caminho de ferro insulano; Serviço de banhos; Serviço de comboios; Industrias estrangeiras; Notas de viagem—Parte financeira: Carteira dos accionistas; Boletim da Praça de Lisboa; Curso dos cambios, descontos e agios; Cotações nas bolsas portuguezas e estrangeiras; Receitas dos caminhos de ferro portuguezes e hespanhoes—Caminhos de ferro do estado; Commissão superior de tarifas; Cintra á praia das Maçãs; Tracção electrica; Publicações recebidas—Linhas portuguezas: Arbitragem da Beira Alta; Mormugão; Pedido de apeadeiro — Linhas extrangeiras: Hespanha, França, India ingleza — Avisos de serviço; Arrematações; Agenda do viajante; Horario dos comboios em 1 de junho de 1899; Annuncios; Vapores a sahir do porto de Lisboa, etc.

Diccionario de synónimos *da lingua portugueza por Henrique Brunswick—Editor — Francisco Pastor—Lisboa.*

Temos presentes os primeiros dez fasciculos d'este diccionario, que o sr. Francisco Pastor começou ha tempo a publicar em seguimento ao *Diccionario Illustrado,* que tanta acceitação obteve.

O novo diccionario de synónimos da lingua portugueza representa um trabalho de muito merecimento pela clareza com que está escripto, definindo com justeza a propriedade dos vocabulos, as suas accepções e significação. E' um livro deveras util e que merece o estudo de todos aquelles que prezam a sua lingua.

Revista politica e litteraria—*Anno terzo—Vol. VII—fascicolo II—Maggio e giugno 1899 — Róma—Via Marco Minghetti.*

Esta importante revista italiana continua honrando-nos com a sua visita. São manifestos os esforços que a redacção emprega para dar aos leitores uma noticia o mais completa possivel e cuidada dos livros e publicações periodicas italianas e extrangeiras, e para essa parte chamamos a attenção de quem a lêr.

O ultimo fasciculo recebido continha o seguinte summario, cuja variedade e alcance das questões tratadas abona a sua importancia:

I Cinesi d'Europa e la Mediatizzazione dell'Italia por XXX—*Oltre il Mistero*—Romance de Enrico Sienckiewicz, traduzido por D. Ciàmpoli—*Gli Addetti Militari Alle Ambasciate* por Generale Mocenni, deputado al Parlamento—*L'Azione Italiana in Cina* por Lodovico Nocentini —*L'Istituto del Tiro a Segno* por Silvano Lemmi—*Le «Memorie d'Africa» del Generale Baratieri e il Soldato Italiano* por Antonino Di Giorgio—*Panteismo Musicale* por L'Italico—*Una Lettera Inedita Di Giovanni Ruffini* por Giuseppe Cimbali—*Rassegna Economica e Finanziaria—Dalla Borsa Di Parigi* por Junius—*Bibliografia.*

Fóra do texto:

Bollettino di Pubblicita—Bollettino Bibliografico.

Leite Fresco—*por A. Noriega Varela—Luarca—1899.*

Da pittoresca Galliza, d'onde nos veiu o primeiro alvorecer de autonomia, e de cuja linguagem se deriva a nossa bella lingua, segundo os philologos, acabamos de receber este pequenino poemeto de costumes, inspirada composição de Noriega Varela, o poeta mindoniense, tão amigo e amante das coisas da sua terra, que não cessa de as cantar.

Já em tempo aqui noticiámos o apparecimento de um outro seu poemeto, *De Ruada,* também de costumes, e no presente se confirmam o titulo de poeta parnasiano que então lhe offerecemos.

Leite Fresco é um delicioso quadrinho campezino, cheio de sabor local, de graça alpestre, que muito apreciámos.

O Instituto —*Revista scientifica e litteraria — Volume XLVI — N.os V, VI e VII — Maio, junho e julho de 1899.*

A antiga revista conimbricense publica n'estes tres ultimos numeros varios artigos continuados, entre elles os do sr. Antonio Vianna — *A Revolução de 1820 e o congresso de Verona;* do sr. Bernardino Machado — *Notas d'um pae;* do sr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira — *Craneos portuguezes;* do sr. Julio de Castilho — *Memorias de Castilho;* do sr. Francesco P. Garofalo—*Studi di storia greca,* etc. etc. que todos são trabalhos de muito valor.

Destacaremos especialmente o artigo do sr. Augusto Nobre a *Despovoação das costas maritimas do Porto,* que é um brado contra a destruição e prejuisos que alli praticam na pesca e apanha de algas etc.